

## Passos Cabral, o Poeta

Mário Cabral

Passos Cabral é uma figura singular no meio literário sergipano. Um talento. Um caráter. Uma nítida vocação de escritor. Um homem que nasceu para sonhar e para sofrer. A vida, madrasta, negou-lhe quase tudo. Foi um irmão constante da pobreza: esquecido, humilhado e ofendido. A maior cultura humanística do seu tempo. Conhecia o grego e o latim. Falava e escrevia, fluentemente, além do português, o francês, o inglês, o alemão, o italiano e o espanhol. Assim sendo, lia, no original, a obra de Voltaire, de Byron, de Goethe, de Dante e de Cervantes. Um ser profundamente infeliz, como o fora o seu amigo Hermes Fontes. No entanto, ou por isso mesmo, de uma arraigada convicção religiosa. Foi um escritor multiforme, na abordagem, precisa e correta, de gêneros vários e múltiplos. Poeta, ensaísta, cronista, crítico, jornalista. Um perdulário a esbanjar talento pelas gazetas, em Sergipe e fora dele, na fragmentação diuturna de sua brilhante criatividade. Foi um dispersivo. Poderia, pelo seu valor, ter realizado uma obra monolítica. Não a fez. Deixou, no entanto, segmentos em prosa e verso de validade indiscutível. Talvez a pobreza, o meio adverso e a sua instabilidade emocional contribuissem para que isso acontecesse. Mas não me cabe, aqui, analisar o prosador, senão o poeta de *Espelho Interior* e *Ilha Selvagem* e agora de *Poesias Completas*, em livro coligido e organizado por Maria Rita. A edição é da Livraria Cátedra, Rio de Janeiro, 1981. Passos Cabral pertenceu à mesma geração de Jordão de Oliveira, Cleômenes Campos, Mavíael do Prado, Amando Fontes e foi contemporâneo de Garcia Rosa, Barreto Filho, Abelardo Romero, Gamaliel

de Mendonça, Jackson de Figueiredo e José Maria Fontes. O poeta, nele existente, em todas as fases da vida, não ocultou ou esmaeceu as suas outras atividades intelectuais, quais as de advogado, professor e parlamentar. Um poeta louvado por Manuel Bandeira quando o comparou a Raul de Leoni, de referência aos seus sonetos de bela feitura técnica, fossem de contexto lírico ou filosófico. Espírito aberto à alma dos seres e das coisas, Passos Cabral não se deixou prender, inerte, às teias sutis das escolas e das correntes literárias. É evidente que a sua formação acadêmica dava preferência ao modelo clássico da expressão vernacular. Daí, em sua obra, a rima, a métrica, a cesura, a construção do verso, harmônica e cadenciada, na majestade do decassílabo que fez a glória de Bilac e de outros famosos poetas parnasianos. Mas é de vê-lo, também, solto e ágil, laborando o verso branco, desritmado, com a segurança completa de um modernista. Maria Rita que publicou *Poesias Completas* e que se propõe, em missão de generosa fidelidade sentimental, a publicar a vasta obra em prosa, dispersa e fragmentada, não poderia ter feito nada melhor. Esperar perfeição, em trabalho assim, que estava a pedir, talvez, um consenso de crítica e de estética, seria difícil. Daí versos de alto gabarito ao lado de composições, outras, mais fracas ou mais antigas, mas sempre em plano elevado. Os versos de *Poesias Completas* são versos escritos e publicados ao decorrer do tempo e da vida, e, possivelmente, jamais foram revistos ou retocados. São versos antigos, versos improvisados, versos diversos, versos oriundos de fases diferentes. Mas nem por isso desmerecem o livro, fornecendo, antes, ao leitor inteligente, um elemento novo de real avaliação do conjunto poético, na inteireza de sua manifestação semântica. A primeira parte do livro, *Espelho Interior*, traz uma apresentação da revista sergipana *Renovação*, fundada e dirigida por Maria Rita, na década de 30. Essa revista que lançou tantos valores novos, abriga, em suas páginas, colaboração profusa e diversificada de Passos Cabral, em prosa e verso. Nesse livro, como nos dois posteriores e que formam, assim, as poesias completas, o poeta vai do simbolismo ao parnasianismo e do romantismo ao modernismo, sabendo jogar com as palavras e as expressões de uma maneira contida, sem excessos. Não é um Hermes Fontes, de denso poder verbal, chegando, por vezes, a coisas estranhas e esdrúxulas. Mas é uma espécie de Raul de Leoni, demonstrando, à saciedade, que de par com a idéia a palavra é um fim em si mesmo. Disse Paul Fargue: Les mots aussi sont un pays des merveilles. Passos Cabral realizava, nos seus versos, a poesia integrada, aliando à beleza do verso a beleza do pensamento. Não só de palavras. Mas de idéias, de imagens e de conceitos, líricos, simbolistas, religiosos ou filosóficos. A sua facilidade em compor, em rimar, em utilizar os vocábulos, em apreender o pensamento, em expressá-lo de modo fascinante, confirmava que ao lado do poeta estava o artesão, seguro e firme, senhor do seu ofício. Seja no *Espelho Interior*, seja em *Ilha Selvagem*, seja ainda, em *Outros Poemas*, a trilogia que enfeixa as *Poesias Completas*, Passos Cabral é sempre o mesmo alto poeta, no mesmo nível, na mesma tessitura maciça de versos e de rimas. Perguntar-se-á então: não houve modificação ou transformação,

nessa poesia, com o passar do tempo? Por certo que houve. Como já disse: há uma e outra composições, aqui ou ali, que, ao meu ver, estão aquém do grande merecimento do poeta. Não irei identificá-las. Mas o mesmo acontece com os maiores valores mentais. Veja-se, por exemplo, Castro Alves, na Bahia, ou Tobias Barreto, em Sergipe. Também incidiram, insensivelmente, nessa queda de qualidade, mantendo, embora, a sua fama e a sua glória. Só um Olavo Bilac, no Brasil, escaparia a essa condição humana. Mas Olavo Bilac, na poesia, é um semideus, no coroamento de uma obra perfeita, sem deslizes. Com Passos Cabral, quer me parecer que a ordenação poética não teria obedecido a uma rigorosa ordenação cronológica, nessa obra póstuma. Não importa. O poeta está presente em *Poesias Completas*, em corpo e alma. Em primeiro lugar observo que Passos Cabral é um místico. A idéia de Deus, do pecado e da remissão vive palpitante na sua obra, densa e compacta, de pequena extensão, mas de excelente qualidade. Em *Espelho Interior*, encontro, de logo, os versos de *Sexta-Feira da Paixão*. Eis os tercetos desse soneto modelar:

Confusamente evoco a Palestina:  
pegureiros humildíssimos, armentos,  
vagando os relvados da colina,

onde um pastor de estranhos pensamentos,  
sonhou cumprir uma missão divina  
pastorejando espíritos violentos!

Há um outro soneto com o mesmo título, *Sexta-Feira Santa*, logo depois. E mais adiante essa imagem de rara felicidade, inspirada, por certo, em *La Doctrine de Vie*, de Gillet:

Deus imóvel,  
por excesso, talvez, de movimento.

É que o movimento que suporta o equilíbrio universal, constitui, para ele, um símbolo de eterna imobilidade — como o sono da pedra que vive e vibra na rotação misteriosa de seus átomos. No soneto *Fé* convém destacar os tercetos:

Se não tremes à mão que se levanta,  
se vês na vida uma esperança boa,  
se pelo amor teu coração confia,

- em ti a natureza exulta e canta  
e há de existir um Deus que te abençoa  
a luz do sol e o pão de cada dia.

Perpassa, aí, todo o frêmito emocional da crença. Há, nessa composição,

um perfeito exemplo dessa poesia que poderia contestar Tennysson quando acusa os latinos, ou os mediterrâneos, apenas de versos exteriores ou superficiais. Passos Cabral é íntimo, como diria Afrânio Peixoto a respeito de João de Deus e de Gonçalves Crespo. Um outro soneto, *Genuflexo*, diz bem da crença do poeta:

Que a vossos pés prostrado, alma indefesa,  
em suores de agonia, na tristeza  
de só tão tarde, agora, vos ter visto,

eu, de uma vez, me abata e me convença,  
de que sou tão pequeno, quanto imensa  
é a piedade dulcíssima de Cristo!

É a fé, a humildade, o convencimento íntimo de sua precária condição humana, certo, porém, da piedade de Deus. Há um outro soneto, *Semana Santa*, onde o poeta proclama no segundo quarteto:

Passados tantos séculos, dimana  
de uma tragédia tal, não sei que luz:  
se a turba é a mesma, ipconsequente e insana,  
teu nobre exemplo salva-nos, Jesus.

O soneto *Decadência*, dedicado ao frei Anselmo Piattulla, lembra o soneto camoneano, na nobreza do verso e da linguagem, de ritmo largo e de cantante sonoridade. E assim termina:

Cái sobre mim um desalento enorme,  
pois a vida me pesa como um fardo  
que terei de levar nos ombros nus.

Meu coração exausto, dorme, dorme.  
Somente lá no fundo um nome guardo,  
ainda um nome guardo: o de Jesus!

Vê-se, aí, o reconhecimento da vida triste, pobre, insatisfeita e que, portanto, só lhe resta esperar pelo amor de Cristo. Essa mesma profissão de fé, de aniquilamento e de completa prostração diante de Deus, como ilha de consolo e de salvação, é uma constante na poesia de Passos Cabral. Não são o riso, a glória e a felicidade que o levam à religião. Mas a dor, a pobreza, a aflição, o desencanto, as injustiças que lhes doem na própria carne, ferindo fundo. Em *Misticismo* ele mesmo diz:

Se ru, meu coração, que tanto choras...

Talvez que a negação e a dúvida o tenham obsedado. Mas, afinal, o seu

espírito trocou a razão pela crença. Não é outra a finalidade das religiões, diz Humberto de Campos, escrevendo a respeito da obra de Gustavo Macedo: dar tranqüilidade ao homem. O Deus verdadeiro, assim, para Passos Cabral, é o Deus em que se crê. *Opinio religionem facit*, dizia Arnóbio. Deus sensível ao coração, não à razão, eis a fé, opina, por sua vez, Pascal, fechando a idéia de Deus às cogitações da inteligência. Não importa. Passos Cabral era um homem de fé, um católico, um crente no melhor sentido da palavra. E assim ligado à vida dos grandes Santos como São Bento, São Bernardo e São Francisco de Assis. No entanto, é bom lembrar, fora íntimo de Poe, de Baudelaire, de Schopenhauer, de Anatole France e de Antero do Quental, em sua fase de ceticismo. Agora, um outro aspecto. A verdadeira poesia é uma poesia essencialmente lírica. Um poeta como Augusto dos Anjos que proclamava não falar de amor, é, na conjuntura poética mundial, uma espécie de exceção. Mesmo os grandes poetas épicos, como Camões e Milton, que, em trabalhos de maior dimensão, empenharam, totalmente, o seu engenho e a sua arte, não puderam fugir à condição essencial do lirismo, exaltando, como os demais, os velhos temas do amor, da mulher, da saudade e do sofrimento. Passos Cabral sendo um prosador, crítico e ensaísta, foi, na poesia, um versejador de doce e de fascinante lirismo. No soneto intitulado *Último* ele escreve nos quartetos:

Nada mais resta do que fomos,  
nada esperamos deste amor, mais nada;  
antes da messe, de dourados pomos,  
seguimos cada qual por sua estrada.

E nós, tristes de nós, que nos supomos,  
raios da mesma lâmpada sagrada!  
E o nosso amor... que pérfida cilada  
e o nosso amor... que pérfida cilada.

Transcrevi, propositadamente, esses versos. E, antes de mais nada, vê-se que o terceiro verso do segundo quarteto é repetido, integralmente, a seguir, fechando esse quarteto e deixando-o, assim, mutilado em sua construção formal. O soneto foi elaborado obedecendo à disposição rimária ortodoxa do modelo italiano. É evidente, assim, que o primeiro verso desse segundo quarteto ficou sem a rima correspondente ao terceiro verso, sendo fácil deduzir que a repetição é desse terceiro verso e não do quarto, que nesse lugar deverá permanecer. No soneto a Guiomar Novais surge mais um erro gráfico de vez que o terceiro verso do primeiro terceto também está repetido. Um livro, pois, sem revisão. Não teria havido, assim, um engano do poeta, nesses dois casos. Nem, por certo, a utilização de recurso visando destacar uma expressão mais forte e mais incisiva. Mas eu falava do poeta lírico, cheio de sonhos, de amores e de fantasias que ao autor induz o eterno feminino. Daí ele confessar em *Tudo-Nada*:

Ama-se, às vezes, um nada,  
na linda mulher amada.

Mas ao mesmo tempo acha difícil, quase impossível, essa imagem de sonho:

A que sonhei, na adolescência inquieta,  
não podia existir, como a sonhei.

E vem, então, um momento de esperança em *O que dizem as estrelas*. Os versos são longos, sonoros, de grande beleza verbal:

Como o céu, nesta noite, está cheio de estrelas!  
Gosto tanto de vê-las,  
tremeluzindo, além, nervosamente assim!  
As estrelas são mundos.  
São adeuses de luz, nos espaços profundos,  
são pousadas de Deus, nas solidões sem fim!

Como a noite se encheu de estrelas misteriosas!  
Dir-se-iam rosas,  
luminosas,  
que se abriram, talvez, no infinito jardim,  
onde as almas se encontram, silenciosas,  
onde estarei contigo e estarás junto a mim!

Mas logo vêm a dor, a solidão, o abandono. O soneto *Cavaleiro Errante* termina deste modo:

Mas se me vejo só, sem lar nem toro,  
retardatário paladim sem dama,  
vão-me caindo as pálpebras e choro.

Infeliz, congenitamente infeliz, Passos Cabral foi um constante disiludido e um permanente desencantado. A vida lhe foi rude e hostil. E a dor lhe fluiu em versos simples, líricos, espontâneos. Em *Noite*, noite embaladora ou noite de ventos desabridos, diz:

Milhões de lâmpadas acesas,  
esparzindo nas ruas angústias e tristezas.  
A noite  
dos que não têm onde se acoite  
para quem se fecham, até, os conventos antigos  
e os próprios corações incertos dos amigos.

O poema *Angústia* é bellissimo. E conclui em completo desespero:

Porque, por desventura, o meu amor é um grito  
de intensa dor, de angústia imensa, ansiando no ar,  
querendo em si conter os astros, o infinito,  
para rolar na treva e se despedaçar.

Como se vê, uma poesia nova que substitui o sentimentalismo pelo sentimento consciente, o brilho pela musicalidade e o ritmo por uma forma diferente, mais consentânea, de exprimir as coisas, interessando-se mais pelo destino do homem. É a graça lírica, a ternura romântica, a inquietação filosófica à margem do desespero declamatório. Eis o lirismo do primeiro quarteto do soneto intitulado *Colhendo Flores*:

Nas finas mãos tão brancas, a tesoura  
agilmente se move e as flores corta.  
Rolam rosas, assim, na tarde morta,  
morrem lírios, sem dor, na tarde loura.

É ainda o lírico, em busca incessante, a proclamar em *Poemeto*:

Entre tantas mulheres não quis vê-la.  
Esperei, de alma em febre e corpo em chama,  
a que não me deve trazer nada.  
Somente, nos cabelos, uma flor.

Eis o resultado da longa e penosa espera. A frieza, talvez. Talvez a indiferença. Por certo, unicamente, uma flor, bem pouco para tanta ânsia e tanta angústia. Como se observa, Passos Cabral foi um poeta lírico do mais requintado gabarito, estético ou emocional. Inclusive, um poeta de temas filosóficos. *Julgar é um deles*, uma pequena obra-prima. Nessa mesma linha estão *Repartir*, *Indiferença* e *Meu Gato Branco*. A prova é ampla, forte e convincente. Um outro aspecto que essa poesia ressalta é a condição de pobreza do poeta. Não que fosse ambicioso. Mas doía-lhe sempre ver a riqueza, quando, a si próprio, quase nada coubera na insensata divisão dos bens materiais. Era culto, talentoso, sensível. Outros, broncos e lerdos, desfrutavam da fortuna e do conforto. A ele faltava quase tudo. Em *Impressões Desconexas* ficou a marca da sua frustração interior:

Qualquer coisa de nobre e solarengo,  
que só agora sinto,  
há nessas casas nobres do Flamengo.  
E eu tão pobre! E eu tão pobre!

No poema *Terra Ignota* ele fala do seu desejo de fugir, de desaparecer, de encontrar um lugar do seu agrado, sem violência, sem mentira, uma terra de sonho, espécie de Shangri-Lá, com a qual não pensara, talvez, James Hilton, em seu *Horizonte Perdido*:

Vou para uma terra onde não veja pobres,  
nem linhagens nobres,  
nem moedas de cobre.

Vou para uma terra onde não veja bobos,  
nem mentiras, nem roubos,  
nem cordeiros, nem lobos.

Vou para uma terra onde não veja casas,  
nem mecânicas asas,  
nem corações em brasa.

Vou para uma terra onde não haja pressa,  
onde o mundo começa  
a virar às avessas.

Vou para essa terra. Onde está, onde existe?  
Oh! dize-me tu, se a viste,  
com esse olhar tão triste.

Passos Cabral, como Pound e Elliot, já ansiava, então, pela necessidade de renovar, de modificar, de procurar outros processos de expressão literária, criando o poema sobre novas estruturas. Ele desejava, assim, uma ruptura capaz de ultrapassar os níveis já consagrados. E, ao mesmo tempo, buscava uma poesia expurgada de excessos e de exageros. Enfim: parecia defender a tese da poesia presentificada no próprio poema. Em *Noiva Pobreza* o poeta pergunta, indaga e questiona:

Quem serás tu, noiva amada,  
arca de fé, paz sonhada,  
se não por mim escolhida  
e aos meus olhos prometida?

A pobreza foi a noiva que coube a Passos Cabral. E com a pobreza, a doença. E com a doença, a terrível solidão do corpo e da mente. No soneto *Ano Novo* vem de novo a preocupação da pobreza:

Mas nada há que fazer, se a renda é curta.  
Quem paga, quem faz verso, quem não furta,  
não tem o que guardar do que lhe sobre.

E em *Suave Oferenda*:

Arte sem verbo, lâmpada aérea,  
acesa em sonho, na solidão,  
eis quanto pode, nesta miséria,  
inda te dar um coração.



E por fim, sobre esse aspecto, em *O Rio*, uma confissão íntima da sua vida pobre e modesta:

O bonde de tostão,  
ajantarado aos domingos,  
a falta de dinheiro para as médias  
e a falta, Senhor Deus, de um coração!

Como se observa, um poeta de real sensibilidade. E que dentro, não obstante, das suas dificuldades, sofrendo, ademais, de loucura intermitente — o que o levou a um amargo e doloroso fim — manteve em sua obra poética um sentido de perfeito equilíbrio rimário e conceitual. Dele jamais se diria o que foi dito de Bernardino Lopes a respeito de Hermes da Fonseca, nem de Hermes Fontes a respeito de seu famoso verso em que fala de “crocodilizações”, tornando-se, assim, um neologista de evidente mau gosto. Nesse e em outros casos específicos. É que a preocupação de originalidade, em Passos Cabral, sempre se manteve em limites justos e adequados, não dando ensejo à inversão da divisa “ars, non artificium”. Difícil, assim, quase impossível, em sua obra, encontrar o crítico, mesmo arguto e penetrante, um só verso ou composição que possa merecer reparo, nesse sentido. Sendo seu sobrinho, tive o prazer de privar da esmola do grande poeta. E ele me dizia naquela Cidade de Aracaju, em 1930 ou 1932, que, à semelhança de Alfred de Vigny, sentia que a real beleza da obra de arte estava no exato momento da sua concepção. Como se vê, Passos Cabral era sempre ele mesmo. Uno. Estranho. Personalíssimo. Mas ele mesmo, com todas as suas injunções sociais, culturais e biológicas. Como Artur de Sales, como Hermes Fontes, como Tobias Barreto, realizou, penosamente, a sua obra literária, porque não teve os meios materiais de que dispuseram um Ruy Barbosa, um Graça Aranha ou um Joaquim Nabuco. Mas isso a crítica geralmente esquece, como se uma coisa não estivesse ligada à outra, intimamente. O que importa, para essa gente, é a obra em si mesma, desvinculada, seu conteúdo, sua extensão, seu raio de influência. Quem é que, hoje, ao ler *Jeunesse*, quer saber que Ronsard vivia sem teto, com frio e com fome e que Buffon, por outro lado, só escrevia trajado a rigor, com tinta verde e com pena de cisne? Passos Cabral, todavia, não chegou a tanto, vivendo uma pobreza digna, sem humilhações. E foi dentro dela e através dela que ele redigia com o sentimento à flor da compreensão. E que possuía nos seus versos, sempre bem cuidados, o encanto das coisas imperfeitas, com que sonhava Ulisses nos braços de Calypso. O excesso de rigorismo, que, tanta vez, prejudicou a obra marmórea dos parnasianos, é sempre um exemplo a ser lembrado. Passos Cabral escrevendo sob a influência, mas, de certo modo, alheio aos rumores da época, compôs a sua poesia, dentro, habitualmente, do modelo clássico. E conservou uma límpida expressão emocional, quase romântica. Seu estilo é sóbrio. Sua técnica, segura. E ele ofereceu, assim, à sua poesia, aquele sentido do individual e do ultra-sensível, que, como assinalou Tristão de Ataíde, fora

banido pelo preconceito do impassível e do impessoal. Na obra de Passos Cabral existe o simbolista ao lado do parnasiano, em sua feição lírica. É uma outra faceta do torturado rapsodo de *Foesias Completas*, tão bem estudado pelo escritor José Augusto Garcez em discurso de posse à Academia Sergipana de Letras, em 1972. O pequeno poema *Vento Mau da Noite*, representa, como tantos outros, a existência do simbolismo na poesia de Passos Cabral, com estes versos finais:

Estou cansado deste mundo  
medido e vão, triste e simétrico.  
Em toda a parte, as mesmas ruas,  
os mesmos sóis, as mesmas luas,  
mulheres falsas e semi-nuas  
o mesmo céu profundo e tétrico.

É — buscando-se bem — uma leve expressão do satanismo de Baudelaire e de Richepin, traduzindo a grande angústia do poeta, exausto e desencantado. Também na poesia moderna as suas incursões são válidas. É a vitória do verso livre, franco, solto, sem métrica, na significação de fatos, flagrantes, estados de alma e de humor. Era o poeta, então, laborando a poesia modernista, que, em Sergipe, teve em Carlos Fontes e Heribaldo Vieira os seus precursores, Abelardo Romero e José Maria Fontes, como pioneiros e Passos Cabral, no dizer de Jackson da Silva Lima, no papel messiânico de Graça Aranha. *Começo de Romance* é um exemplo dessa poesia:

Era uma inglesa de olhos líquidos e azuis,  
airosa e fina,  
sorrindo na manhã rorejada de luz.

No cabeça dos montes,  
os derradeiros rolos de neblina  
se dissolviam no ar... Abriam-se horizontes.

A inglesa, fina e airosa,  
perguntou-me a sorrir - How do you do?  
Notei-lhe a linda face cor de rosa,  
de manga-rosa de Aracaju.

Sou desses homens tímidos do norte,  
do norte do Brasil.  
Gente sentimental, ardente e forte,  
mas que não tem o espírito sutil.

Nem sei falar inglês... Ora que pena!  
E que manhã tão límpida e serena!  
Guardo o encanto visual daquela cena,  
ali, junto do mar.

Guardo mais ainda: uma vaga tristeza  
de não haver falado àquela inglesa,  
sorriso matinal da natureza,  
que nunca mais, talvez, hei de encontrar...

As rimas, aí, surgem naturalmente, como, também, em *Avenida Atlântica*.  
E em *Melancolia*, *Versos de Hoje*, *Impressões Desconexas*. *Canção Marítima*  
é uma espécie de paisagem aberta e colorida. Diz assim:

Planam gaiivotas  
por sobre o mar.

É a larga visão da natureza, clara e límpida:

Terras longínquas, regiões ignotas,  
montes e grotas,  
que ninguém vê,  
tudo isso viram, tomando notas,  
tomando notas não sei de quê,  
essas gaiivotas,  
que abrem no espaço, em torno às frotas,  
asas em V.

Comovente o poema intitulado *Cidade Natal*. É do Aracaju antigo que o poeta fala cheio de tristeza e de saudade. Da cidade pequena, provinciana, de luar de prata escorrendo pelo rio, pelas areias, pelos coqueiros, pelo casario pobre e triste. E depois de evocar a cidade moderna, confessa:

Mas eu prefiro a antiga, a cidade da infância,  
a que ficou lá longe, na distância,  
enterrada no fúnebre caixão  
do meu imaculado e ingênuo coração.

Como se observa o metro é livre, a rima é quase sempre constante, dando sonoridade aos versos, curtos ou longos, na manifestação básica do seu sistema artesanal. No fim do poema Passos Cabral se confessa um homem ingênuo. E o foi, realmente. Um homem bom, honesto, de caráter ímpoluto. Jamais conheceu a inveja. E se César perdia o sono com a lembrança das vitórias de Alexandre e se Alexandre não podia dormir lembrando-se dos sucessos de Milcíades, Passos Cabral, guardadas as devidas proporções, não invejava a glória dos seus mestres nem a dos seus contemporâneos. Nem, muito menos, a daqueles que começavam e à sua sombra alçaram o primeiro vôo. Fui um deles. Escrevendo, na época, versos reles e pífios, tive, contudo, a generosa ajuda de Passos Cabral, sua estima, seus conselhos, sua orientação literária. Ele era assim: alto, louro, olhos azuis, rosto bem conformado, mãos finas e nervosas. Um livro aberto. Um

cigarro aceso. Uma voz sempre autorizada a analisar assuntos vários e múltiplos. Um poeta de nobre e elevada estirpe. Uma poesia de valiosa feitura técnica, e, ao mesmo tempo, cheia de um profundo sentido de humanidade. Uma poesia de mensagens estéticas mas também de apelos líricos, de extraordinária ressonância. Uma poesia que se pode colocar, sem desdouro, entre a poesia de Garcia Rosa, de Hermes Fontes e de Cleómenes Campos, gente do seu tempo, gente da sua terra e nomes de repercussão nacional. Vale transcrito, aqui, para terminar, o soneto *Ilha Selvagem*, de grande beleza e que lembra a melhor poesia, eloqüente, de Bilac, no Brasil, ou de Heredia, na França. Ei-lo:

Pudesse eu te reter, hora bendita,  
em que os meus nervos vibram como cordas  
e ouço, através de toda a humana grita,  
tropel de feras e clamores de hordas.

Pudesse eu te reter, quando se agita  
em mim, um grande mar que não tem bordas,  
tu, grande mar do amor — ânsia infinita,  
que ferves, que deliras, que transbordas.

Trompas, borés, bramindo em fúria e estrondo,  
encheis meu coração, por noite e dia,  
de tudo o que soluça e ruga e brada.

Mas se os meus versos, trêmulo, arredondo,  
cala-se tudo, extingue-se a harmonia,  
em reticências, em suspiro, em nada...

Maria Rita que lançou *Espelho Interior* e *Ilha Selvagem*, Verônica do Gólgota lírico de Passos Cabral, no dizer, expressivo, de Murilo Araujo, soube, agora, com paciência e valentia, reunir em *Poesias Completas* a sua obra versificada. O acervo é valioso. E traz de novo, ao cenário literário brasileiro, o nome desse intelectual, não só poeta, não só crítico, não só ensaísta, professor, advogado, parlamentar e jornalista, como, também, as coordenadas essenciais de um espírito que define um homem raro. Um homem justo, culto e correto. E cuja luminosa inteligência mergulhou no inferno da loucura intermitente. Uma vida aprisionada, assim, em uma situação-limite que lembra as paredes absurdas de Camus e à qual só a poesia poderia abrir uma nesga de luz e de liberdade. A morte aos

cinquenta anos, cheio, ainda, de seiva e de força, foi o prêmio maior que lhe coube na partilha dos interesses vivenciais. Emergiu da pobreza e do sofrimento para a sombra de um grande sono, sem fim e sem retorno. Que lhe seja outorgada, agora, na morte, a justiça que sempre lhe foi negada, outrora, na vida. A ele e a essa mulher admirável — Maria Rita, que lhe seguiu, passo a passo, o áspero, fremente e doloroso caminho...

#### SUMMARY

**Passos Cabral** is a unique figure in the literary milieu of Sergipe. He was the greatest representative of humanistic culture in his lifetime, and his academic formation was related to the classic model of vernacular expression. Hence, in his *Complete Poems*—written and published along the course of his life—the excellent quality of his rhymes, metrics, and the general construction of his line of verse—usually full of harmony and cadence. In that book the poet follows the course from Symbolism to Parnassianism, from Romanticism to Modernism. Besides being a poet, he was also a prose writer—as an essayist and critic.

#### RÉSUMÉ

**Passos Cabral** est une figure singulière dans le milieu littéraire de Sergipe. Il possédait une culture humaniste enviable à son époque et sa formation universitaire le liait au modèle classique de la langue. De là, dans ses *Poésies Complètes*—vers publiés au long du temps et de la vie—, la rime, la métrique, la césure, la construction du vers, harmonieux et cadencé. Dans ce livre le poète va du symbolisme au Parnasse et du romantisme au modernisme. Poète mais aussi prosateur, critique et essayiste.